

guia pedagógico para famílias



introdução

Poucas coisas são, ao mesmo tempo, tão desafiadoras e tão recompensadoras quanto a criação de um pequeno ser humano. São noites insones, ligações para os médicos, descoberta de receitas e métodos de introdução alimentar, preparação do quarto, enxoval... isso tudo antes mesmo da criança começar a engatinhar.

Conforme o bebê se torna uma criança e a criança se torna um adolescente, compreender o que se passa com esse ser vai se tornando progressivamente mais complicado. Pedagogos dedicam toda sua vida profissional para entender melhor como lidar com os processos pelos quais humanos em desenvolvimento passam e como isso interfere em sua educação.

Este guia pedagógico é um convite para saber um pouco mais sobre o que está acontecendo com o ser humano pelo qual você é responsável. Aqui, você será apresentado a conceitos fundamentais de diferentes áreas, e receberá indicações de como se aprofundar nos temas em que tiver maior interesse.

O guia está dividido em quatro partes. Na primeira, falaremos de **desenvolvimento infantil e aprendizagem**. Se você quer saber mais sobre os processos pelos quais a criança está passando, nessa seção você encontrará mais informações sobre isso e seus impactos no processo de aprendizagem. Aqui também falamos sobre algumas metodologias relevantes e suas visões de como o processo de aprendizagem pode ser conduzido.

Dedicamos a segunda parte a dois conceitos que têm sido bastante discutidos, mas muitas vezes superficialmente: **disciplina positiva e comunicação não violenta**. Se você quer saber mais sobre a diferença entre esses conceitos e permissividade, nesta seção encontrará mais respostas.

A terceira parte trata de **dificuldades de aprendizagem**. Ouvimos muito falar sobre elas, seja na mídia, seja em materiais pedagógicos. Buscamos então entender um pouco mais sobre como identificá-las e o que fazer para mitigá-las.

Por fim, concluímos com tópicos para quem está **criando filhos no século XXI**. Em um mundo em constante mudança, quanto do que sabemos com base no passado pode ser utilizado na era do smartphone e da conectividade total? Como podemos ajudar nossos filhos a lidar com um mundo para o qual nem sempre nós estamos preparados? Nesta seção, buscamos sugerir alguns caminhos que podem ser seguidos.

Entendemos que, nesse momento de acesso abrangente à informação, faz-se necessário um guia que apresente o essencial a respeito dos tópicos acima e forneça direções que podem ser tomadas para que cada responsável escolha se aprofundar no(s) tema(s) que acha mais relevante. Por isso, na seção **Para saber mais**, indicamos leituras que podem auxiliar nesse aprofundamento. Quando falamos de pesquisadores e teóricos, a seção **O nome por trás da teoria** contextualiza brevemente a época em que o autor ou autora produziu seu trabalho. Ao final do guia, a seção **A visão da arte** apresenta sugestões de filmes, séries e livros que discutem ou apresentam os temas tratados, para fornecer exemplos que podem ser assistidos ou lidos e ajudam a compreender melhor a teoria.

Não sinta que deve ler este guia do começo ao fim, sem parar; seu objetivo é servir de material de consulta, para que possa sanar dúvidas pontuais quando possível e indicar outros materiais, quando o conteúdo for mais complexo que o escopo deste guia.

Boa leitura!

conteúdo

01

Disciplina positiva
e comunicação não
violenta

Desenvolvimento
Infantil e
Aprendizagem

03

Criando filhos
no século XXI

02

Dificuldades de
aprendizagem

04



Pelo que **meu filho** está passando e
como eu **posso ajudá-lo?**

A **teoria piagetiana** de desenvolvimento

Teoria vygotskyana de aprendizagem

Algumas **metodologias** pedagógicas

Alfabetização de crianças

Alfabetização e letramento de jovens
e adultos: **alguns princípios**

Implementação de **rotinas na infância**

E os **adolescentes?**

Pelo que meu filho está passando e como eu posso ajudá-lo?

Muitas vezes, é difícil entender o que nossos filhos estão passando. Vemos ações que não sabemos explicar, e antecipamos reações que acabam não acontecendo.

Toda criança tem seu próprio processo de desenvolvimento. Algumas aprendem a falar mais cedo e a andar mais tarde que as outras; algumas engatinham durante muito tempo antes de começarem a andar, enquanto outras passam de um estágio para o outro com muito mais rapidez.

Apesar das diferenças entre os indivíduos, algumas teorias procuram identificar os traços gerais do desenvolvimento infantil e delimitar fases pelas quais as crianças passam mais ou menos na mesma idade. Para entender essa configuração, foram selecionadas duas teorias (piagetiana e vygotskyana). Contudo, é importante salientar que existem vários estudos acerca dessa temática, e a consulta desses conteúdos contribuirá, ainda mais, para elucidá-los.

A teoria piagetiana de desenvolvimento

Uma das teorias mais famosas é, sem dúvida, a de **Piaget¹**. Ele estabelece 4 períodos no processo evolutivo da espécie humana. Eles são determinados com base nas atividades desenvolvidas com maior desenvoltura pela criança. São eles:

1º período – Sensório-motor (0 a 2 anos): o mundo é vivenciado por meio dos sentidos. É um período de muita absorção por parte da criança. Neste estágio, a criança toma conhecimento de seus reflexos inatos, ou seja, ela se apropria de seus próprios movimentos. Aqui ela desenvolve a percepção de que é um elemento inserido dentro de um contexto (tempo, espaço, objetos).

2º período – Pré-operatório (2 a 7 anos): o raciocínio começa a ser desenvolvido, além das noções de certo e errado. Também é neste momento que a linguagem se manifesta. Com a interação desses dois fatores, raciocínio e linguagem, a criança consegue atribuir significado à realidade em que está inserida. É necessário lembrar, no entanto, que essa assimilação ainda acontece de forma egocêntrica, ou seja, a criança só tem a percepção do universo onde ela está inserida.

3º período – Operações concretas (7 a 12 anos): fase de assimilação do outro, compreensão de tempo, espaço, regras e afins. Neste estágio, a criança consegue assimilar perspectivas distintas, bem como começa a interiorizar atos. Suas capacidades não mais dependem exclusivamente de interações físicas, pois a criança começa a desenvolver operações mentais complexas.

4º período – Operações formais (a partir dos 12 anos): estágio de compreensão de hipóteses e realização de operações mentais dentro da lógica formal. Para

Piaget, é neste período que o indivíduo alcança o equilíbrio. É com essas capacidades que a pessoa consegue assimilar as relações de mundo mais complexas.

O que isso significa para o meu filho?

Durante cada um dos estágios mencionados, a criança desenvolve mecanismos distintos, até que o ciclo esteja concluído. No 1º período, a criança começa a exercitar suas funções inatas. Nesse momento, a base de referência da criança é o próprio corpo. Isso significa que ela começa a se apropriar dos próprios movimentos, como o abrir e fechar dos olhos, a sucção, etc.

O 2º período é marcado pela manifestação da linguagem. Aqui a criança consegue estabelecer relações de significado com a realidade, ainda que essas relações estejam limitadas em termos de perspectiva (focada apenas na criança). É também o período em que o pensamento começa a ser organizado.

Já no 3º período, a criança passa a compreender os pontos de vista ao seu redor, e usa da lógica para realizar questionamentos. Ela também

passa a interiorizar as ações e não depender exclusivamente dos componentes físicos para fazer associações. É nesse período que a criança começa a estabelecer relações de contraste entre objetos reais. Entre dois recipientes com água, a criança consegue discernir, por exemplo, qual está mais cheio.

Por fim, no 4º estágio, a criança consegue operar conceitos abstratos, fazendo uso, também, da lógica formal. O fim do ciclo, denominado “período de operações formais”, estabelece um grau de autonomia por parte da criança, que será determinante na vida adulta. Nesse estágio, ela já é capaz de compreender sistemas complexos e, por isso, consegue questionar e elaborar concepções próprias. Aqui, ela já é capaz de questionar e adotar códigos de conduta, por exemplo.

Algumas das principais críticas à teoria piagetiana questionam o peso dado aos processos maturativos no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, e a falta de destaque com relação à influência que o meio exerce. Outras críticas dão conta das fases do processo de aprendizagem das crianças, que diz respeito às faixas etárias delimitadas pela teoria, que apresentam variações não previstas por Piaget.

É importante destacar, mais uma vez, que comparações entre as crianças, e seus respectivos processos de desenvolvimento,

Jean Piaget 1896-1980

Foi um biólogo suíço que se dedicou a estudar os processos mentais do indivíduo. Sua teoria determina que o desenvolvimento do indivíduo se dá pela interação que exerce com o meio, além das influências provenientes de fatores biológicos.

Para saber mais...

PIAGET, Jean. A psicologia da criança.
PIAGET, Jean. Psicologia e pedagogia.

devem ser evitadas, uma vez que a pluralidade de contextos e ambientes pode gerar diferentes processos. Contudo, algumas situações podem contribuir para que esse desenvolvimento se dê da melhor forma. São elas:

Criar ambientes propícios à aprendizagem: por meio da observação, entender quais habilidades se destacam na criança. Com isso, propor atividades que contribuam para o seu desenvolvimento, como: ler, desenhar, colorir, correr, jogar, montar quebra-cabeças, dançar, cantar, etc.;

Promover exemplos positivos de convivência: é importante incentivar o diálogo saudável com a família, livre de violência, etc.;

Manter boas relações com a família e com crianças de mesma idade: criar um ambiente seguro, de modo que a criança tenha a autonomia para explorar o mundo e interagir com outras crianças.

Em contrapartida, alguns cenários podem ser evitados:

Uso de tecnologia desde muito cedo (e em excesso);

Superproteção por parte dos pais e responsáveis;

Negligência por parte dos pais e responsáveis.

Teoria vygotskyana de aprendizagem

Desenvolvida pelo psicólogo bielo-russo **Vygotsky**², a teoria propõe que o desenvolvimento cognitivo da criança acontece por meio da interação social. A aprendizagem seria, portanto, uma experiência social, conectada pela linguagem e a ação. Vygotsky define, ainda, dois tipos de conhecimento: o real, que o indivíduo já tem domínio, e o potencial, que o indivíduo precisa de auxílio para utilizar. Além disso, ele propõe o conceito de zona proximal, que se refere a distância entre as atividades que a criança já pode realizar sozinha, e aquelas que a criança ainda precisa de auxílio. Entende-se, portanto, que a teoria vygotskyana está aportada no ambiente social (sociointeracionista), ao passo que a teoria de Piaget favorece a maturação biológica (desenvolvimento cognitivo).

Como esse conhecimento pode ajudar na criação dos filhos?

Segundo a teoria vygotskyana, a criança deve ser sempre estimulada a buscar o conhecimento potencial. Por isso, devemos agir como mediadores nesse processo de aprendizagem, instigando a independência da criança. Algumas atividades que podem contribuir nesse sentido são: jogos lúdicos em que a criança represente papéis diferentes, atividades de criação (exercitando a imaginação), atividades relacionadas à memória, etc. As atividades em grupo podem ajudar, motivando a criança para que ela construa seu conhecimento de forma ativa. Destaca-se, no entanto, que as atividades individuais, que permitam a

reflexão, também são necessárias. A ideia é que essas atividades estimulem o desenvolvimento da criança no campo social, intelectual e emocional.

Algumas metodologias pedagógicas

As pesquisas nas áreas de educação e psicologia apresentam uma variedade de abordagens possíveis para o processo de aprendizagem do indivíduo. Por isso, para que o processo seja eficiente, é importante que o professor perceba as características específicas de cada criança, e consiga adaptar e aplicar as estratégias que melhor se adequam a ela. Nesse sentido, muitas escolas optam por seguir alguma metodologia específica, ou mesmo trabalham algumas dessas metodologias de forma conjunta. A seguir, serão abordadas algumas das metodologias mais utilizadas, reforçando alguns de seus princípios básicos.

Tradicional

O método tradicional de ensino tem foco na bagagem e na compreensão do conhecimento do aluno. As aulas são expositivas, e o professor tem a tarefa de transmitir o conhecimento. O aluno é, portanto, mais passivo nesse sistema. As atividades

não têm, necessariamente, foco criativo e, normalmente, são voltadas à memorização por parte dos alunos.

Construtivista

O Construtivismo entende que o conhecimento é um processo estruturado pelo próprio indivíduo. Isso significa que, de acordo com essa metodologia, o aluno não é um elemento passivo que recebe o conhecimento através do professor. O professor deve, portanto, focar na autonomia desse processo.

Para saber mais...

PILETTI, Nelson. Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo.

Freiriana

A metodologia desenvolvida por Paulo Freire entende o conhecimento como elemento de transformação. Sistematicamente, portanto, o conhecimento transforma pessoas, e as pessoas transformam o mundo. O professor funciona como articulador para que cada indivíduo atinja um estado de autonomia.

Para saber mais...

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia.

Lev Semyonovich Vygotsky 1896-1934

Foi um psicólogo bielo-russo. Dedicou-se a estudar o desenvolvimento intelectual. Em sua teoria, atribui papel fundamental às relações sociais, ou seja, ele entende que a formação do indivíduo se dá pelo contato com a sociedade.

Para saber mais...

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.
VYGOTSKY, L.S. A construção do pensamento e da linguagem.

■ Waldorf

A metodologia Waldorf separa os alunos por faixa etária, e não por séries. As habilidades dos alunos são estimuladas por meio de aulas de instrumentos de cordas, brincadeiras, jardinagem, tricô, etc. O foco da metodologia vai além de conceitos acadêmicos, e dá muita ênfase ao desenvolvimento físico, ético e social.

■ Para saber mais...

LANZ, Rudolf. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano.

■ Montessoriana

Essa metodologia entende que a criança é responsável pela busca do aprendizado, ou seja, trata-se de um sistema de aprendizagem ativo. Aqui, os adultos têm a função de auxiliar as crianças diante das adversidades nesse processo. Tanto as atividades em grupo, quanto atividades que estimulem os sentidos são muito incentivadas.

■ Para saber mais...

LILLARD, Paula Polk. Método Montessori: uma introdução para pais e professores.

■ Freinet

Essa metodologia foca no desenvolvimento do aluno como parte de um conjunto maior. As atividades são desenvolvidas em grupos, com o objetivo de trabalhar a coletividade e o aprendizado mútuo.

■ Para saber mais...

FREINET, Celestin. Para uma escola do povo.

ELIAS, Marisa del Cioppo. Celestin Freinet: uma metodologia de atividade e cooperação.

■ Alfabetização de crianças

De modo geral, o contato com as letras se dá ainda na infância, uma vez que a criança está inserida em um contexto de sociedade. Esse contato acontece por meio de livros, jogos, vídeos, brinquedos e músicas. A escrita exerce uma função social. Nesse sentido, a escola funciona como um mecanismo para formalizar essa função.

O processo de alfabetização tem início por volta dos 4 anos, e termina por volta dos 8 anos. É importante frisar que cada criança tem um ritmo que pode variar devido ao contato que ela teve antes de formalizar esse processo na escola, suas interações com as demais crianças, etc. Disso podem surgir variações, como uma criança que começa a frequentar a escola com conhecimento prévio da língua escrita, em oposição a outras que acabam tendo seu primeiro contato com a escrita na escola.

De forma simplificada, esse processo ocorre:

- Pelo contato com as letras;
- Com a memorização dos símbolos gráficos e fonemas (letras + som);
- Com a ligação das sílabas para formar palavras.

Esse processo foi denominado por Piaget como construtivismo, uma vez que a criança vai 'construindo' a bagagem de conhecimento totalmente ancorada nas

suas próprias experiências. O ensino deixa de ser ‘mecânico’, e passa para o campo das interações sociais, ou seja, a criança passa a aprender na medida em que interage com as outras crianças. É essencial ressaltar que não se trata de um processo estático, e para que haja essa dinâmica, a criança precisa estar em contato com o maior número de estímulos possíveis. Além disso, o tempo de cada criança deve ser respeitado.

Alfabetização e letramento de jovens e adultos: alguns princípios

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, e é nesse sentido que a leitura e escrita surgem. Esses dois elementos contribuem para a inserção do indivíduo na sociedade. É essencial, portanto, compreender quais aspectos são contemplados por essa temática. A alfabetização está ligada a escrita e a leitura, no sentido de aprender e ensinar. Apesar disso, ela não engloba a perspectiva de compreensão e domínio desses dois elementos. A ideia de autonomia em relação à leitura e escrita se enquadra no que é denominado como letramento.

A concepção de que o processo de alfabetização é mais do que aprender as letras está diretamente ligada a **Paulo Freire**³. Segundo ele, o ato de aprender a ler e escrever deve

levar em consideração o contexto em que o indivíduo está inserido, e não deve ser tratado como um processo mecânico de repetição e memorização. Ou seja, Freire entende que a alfabetização é também uma prática política, onde a escola exerce, também, a função de formar cidadãos. A alfabetização e o letramento são recursos interdependentes, uma vez que, para se alcançar um bom nível de letramento é imprescindível ter domínio da leitura e da escrita, bem como compreender a função social desempenhada pela linguagem.

Freire, em sua proposta de educação para jovens e adultos, estabeleceu alguns estágios: **a. Investigação**: momento em que professor e aluno

levantam o vocabulário e os temas que fazem parte do contexto social do aluno; **b. Tematização**: trabalham o sentido que essas palavras têm dentro do contexto vivido; **c. Problemática**: professor e aluna buscam desenvolver uma visão crítica do mundo para, assim, transformá-lo. Ele defende que esse é um sistema coletivo, onde ambas as partes estão sempre aprendendo. É por isso que Freire não acredita no sistema de ensino por cartilhas, por exemplo. A educação não é um processo estanque, mecanizado, e tampouco deve ser generalizada.

Tratar da alfabetização de adultos é uma pauta complexa, que precisa levar em conta, dentre outros aspectos, o ritmo de aprendizagem e as origens dos alunos. Nesse sentido, não seria adequado pensá-la a partir de um

Paulo Freire 1921-1997

Foi um educador, filósofo e escritor brasileiro. Nascido em Recife, iniciou suas atividades na área como professor de língua portuguesa. O método de alfabetização de jovens e adultos desenvolvido por Freire serviu de base para o Plano Nacional de Alfabetização, que teve início no governo de João Goulart. Além disso, é um método bem conceituado por educadores em todo o mundo.

Para saber mais...

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido.

sistema de ensino regular, uma vez que as características são muito distintas. Um aspecto recorrente é que, normalmente, o adulto em processo de alfabetização não frequentou a escola anteriormente, ou mesmo precisou sair da escola, em virtude do trabalho. Por isso, quando esse processo acontece de forma integradora, aliando conteúdo às experiências do próprio aluno, o engajamento na aprendizagem é maior.

■ Implementação de rotinas na infância

O estabelecimento de uma rotina na vida da criança é extremamente importante para que ela desenvolva o senso de responsabilidade desde cedo, compreendendo questões de independência e autonomia, bem como senso de coletividade. Os pais estão em posição privilegiada para inserir hábitos da vida da criança. Algumas dicas para criar essa dinâmica são:

■ Definir horários para as refeições diárias, brincadeiras, estudos e outras atividades;

■ Planejar quadro com as tarefas e atividades que precisam ser realizadas no dia;

■ Permitir que a criança participe das tarefas de casa, especialmente aquelas que envolvem a própria criança, como guardar brinquedos, arrumar o quarto, etc.

Os estudos configuram uma parte essencial dessa rotina. Por isso, é necessário inserir momentos de estudo na rotina da criança desde cedo.

■ Reservar um local mais tranquilo e apropriado para estudar;

■ Ajudar com as lições de casa, solucionando possíveis dúvidas, incentivando a pesquisa e ressaltando a importância de perguntar aos professores sempre que tiver dúvidas;

■ Promover o senso crítico, ressaltando a importância de analisar e ter opinião, e não só executar tarefas de forma mecânica.

■ E os adolescentes?

Como vimos no começo, Piaget postulou que os seres humanos entram no quarto período, o de operações formais, por volta dos 12 anos de idade. Isso não quer dizer, claro, que não há mais “saltos” de desenvolvimento. Na realidade, é durante a adolescência que identificamos mudanças radicais, sejam físicas, sejam de personalidade.

É na adolescência que desenvolvemos o pensamento abstrato e refletimos sobre a própria inteligência. É também quando aprimoramos o pensamento lógico, através do raciocínio dedutivo.

Esses processos já estão consolidados por volta dos 15 anos de idade. A maturidade emocional, no entanto, demora bem mais para ser desenvolvida. As últimas conexões cerebrais que se estabelecem são nos centros emocionais e no córtex pré-frontal, o centro de julgamento e solução de problemas. Outra ligação que está em processo de consolidação conecta esse córtex ao sistema de

recompensas do cérebro. É por isso que muitos vícios começam na adolescência – o cérebro simplesmente não está preparado para lidar com o excesso de estímulos.

Como lidar melhor com adolescentes?

Um dos fatores mais subestimados em relação aos adolescentes é o impacto que a falta de sono causa nesse processo crucial de desenvolvimento. Nessa idade, o ideal é que se durma entre 8 e 10 horas por noite. No entanto, é também nessa idade que muitas escolas, além de intensificar a carga horária, costumam ter aulas apenas de manhã. Como adolescentes tendem a só conseguir dormir tarde – por volta das onze horas da noite –, é natural que vejamos multidões de alunos exaustos em corredores de colégios.

Anteriormente, falamos sobre a construção de uma rotina com as crianças. De forma diferente, também podemos fazer isso com adolescentes – estabelecendo limites para uso de tecnologia (até um determinado horário, por exemplo). A organização do tempo é uma habilidade, que pode ser trabalhada desde cedo.

Uma medida importante, também, é o diálogo. No final deste guia, falaremos sobre alguns tópicos que costumam ser mais sensíveis.

Disciplina e estabelecimento de limites

Estudos mostram que adolescentes cujos pais buscam balancear expectativas de limites (hora de chegar em casa, participação na escola, uso de tecnologia) e oportunidades de independência (aumentando as responsabilidades e liberdades gradualmente) tendem a apresentar números reduzidos de depressão e uso de substâncias.

Embora isso seja muitas vezes uma tarefa desafiadora, os pais acabam exercendo a função de uma espécie de córtex pré-frontal externo, ou seja, indicando as situações em que a recompensa não vale o risco.

Como estabelecer, ao mesmo tempo, limites claros e uma relação de confiança com adolescentes? Na próxima seção, trataremos de disciplina positiva e comunicação não violenta, sugerindo algumas respostas para esse dilema.

Referências

BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

British Council. How children learn. Disponível em: <https://learnenglishkids.britishcouncil.org/helping-your-child/how-children-learn>. Acesso em: 22.04.2020.

CARVALHO, Carolina Abreu et al. Consumo alimentar e adequação nutricional em crianças brasileiras: revisão sistemática. Revista Paulista de Pediatria, v.33, n.2, junho, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0103058215000234?via%3Dihub>. Acesso em: 22.04.2020.

DREYER, Loiva. Alfabetização: o olhar de Paulo Freire. X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE), dezembro, 2011.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2017.

ILHÉU, Taís. Quem foi Paulo Freire e por que ele é tão amado e odiado. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quem-foi-paulo-freire-e-por-que-ele-e-tao-amado-e-odiado/>. Acesso em: 22.04.2020.

MELO, Maria Aparecida S.. Concepções de Adolescência em Jean Piaget. Psicologado, [S.l.]. (2009). Disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/concepcoes-de-adolescencia-em-jean-piaget>.

de-adolescencia-em-jean-piaget. Acesso em: 22.04.2020.

OLIVEIRA, Shirllene F. S. Alfabetização, letramento e educação de jovens e adultos (EJA): caminhos e descaminhos. Dissertação (Licenciatura Plena em Pedagogia) - UFPB. Paraíba, 2015.

PAVAM, Alexandre. É brincadeira. In: SOUZA, Márcia Helena de; MARTINS, Maria Aurora Mendes. Psicologia do desenvolvimento, Curitiba: IESDE, 2005.

PEREIRA, Lucila Conceição. Alfabetização de adultos. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/alfabetizacao-de-adultos/>. Acesso em: 22.04.2020.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo. São Paulo: Zahar, 2010.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

PIESTCH,S; JANSEN, P. Different mental rotation performance in students of music, sport and education. Learning and individual Differences, v.22, fevereiro, 2012.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANAR, Saúde. O básico das teorias de desenvolvimento: Piaget e Vygotsky. Disponível em: <https://www.sanarsaude.com/blog/teo>

rias-desenvolvimento-piaget-vygotsky-psicologia. Acesso em: 22.04.2020.

Stanford Children's Health. The Growing Child: Teenager (13 to 18 Years). Disponível em: <https://www.stanfordchildrens.org/en/topic/default?id=the-growing-child-adolescent-13-to-18-years-90-P02175>. Acesso em: 22.04.2020.

Sleep Foundation. Teens and sleep. Disponível em: <https://www.sleepfoundation.org/articles/teens-and-sleep>. Acesso em: 22.04.2020.

SOBRINHO, Marcos Fernandes. Resenha: a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/resenha-teoria-desenvolvimento-cognitivo-piaget.htm>. Acesso em: 22.04.2020.

TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>. Acesso em: 22.04.2020.

The Harvard Health Blog. The adolescent brain: beyond raging hormones. Disponível em: <https://www.health.harvard.edu/mind-and-mood/the-adolescent-brain-beyond-raging-hormones>. Acesso em: 22.04.2020.

TEIXEIRA, Helio. Uma avaliação da teoria de Piaget. Disponível em: <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/uma-avaliacao-da-teoria-de-piaget/>. Acesso em: 22.04.2020.

02

Disciplina positiva e comunicação não violenta



Disciplina **positiva**

Comunicação **não violenta**

Disciplina positiva

A disciplina positiva é uma abordagem comportamental, criada pela psicóloga **Jane Nelsen**¹, que tem como base o afeto, a compreensão, o respeito e o aprendizado mútuo como pilares educacionais. Essa abordagem tem como objetivo estabelecer relações familiares mais saudáveis, com foco na gentileza e na criação de limites, em contraponto aos castigos, punições e sistemas de recompensa.

O ponto de equilíbrio da disciplina positiva é a empatia. Nessa lógica, nas situações de rotina, propõe-se que os pais e responsáveis adotem uma postura menos autoritária e mais aberta, de modo que a criança ou o adolescente consigam desenvolver autonomia, respeito e cooperação. Na prática, isso quer dizer que os pais e responsáveis devem estar sempre abertos ao diálogo, sempre se conectando com a criança ou o adolescente, demonstrando interesse em resolver os problemas.

Dicas para inserir a disciplina positiva no dia-a-dia

Adote sempre uma postura empática e aberta a diálogos. Dessa forma, você passa segurança para a criança ou o adolescente, demonstrando que se importa com seus sentimentos. É importante que vocês trabalhem juntos para chegar à melhor alternativa.

Faça uso de brincadeiras para ensinar. Ao usar a brincadeira como ferramenta, você consegue adaptar as atividades sem fazer uso da força ou da imposição, além de fortalecer os laços com a criança.

Seja firme, mas mantenha a gentileza. Ainda que você precise negar algo ou repreender a criança, não grite nem use da violência. Trabalhe o diálogo, fazendo com que a criança enxergue seus motivos de forma gentil.

Comunicação não violenta

A comunicação não violenta é uma abordagem desenvolvida pelo psicólogo americano **Marshall Bertram Rosenberg**² (1934-2015), fundamentada no conceito de Gandhi de **estado compassivo**³. A CNV parte do princípio básico das relações humanas, que é a comunicação. A concepção básica dessa abordagem é, portanto, promover o diálogo de forma empática. Trata-se de um caminho para expressar necessidades e desejos de forma pacífica.

Embasada em 4 princípios básicos, a CNV está pautada na forma como interagimos com o outro (nos atos de ouvir e falar). A partir dessa interação, destacam-se os elementos:

Observação

Esse primeiro passo consiste na identificação do que está desagradando (ou agradando) em uma determinada situação, ou no comportamento do outro. Essa observação, no entanto, deve ser feita sem nenhuma forma de julgamento.

Sentimento

Em um segundo momento, o importante é entender qual foi o sentimento gerado diante da observação que foi feita na etapa anterior. É preciso olhar para si, e compreender de onde vem a formação daquela emoção. Também é importante lembrar que diante das reações negativas o outro nunca é a causa. Aquele elemento que gerou o desconforto já estava dentro da pessoa, por isso ocasionou no desconforto.

Necessidade

Nesse momento, o importante é refletir sobre qual o tipo de necessidade a emoção criada na etapa anterior gerou.

Pedido

Então, a partir da necessidade gerada na etapa anterior, é possível fazer um pedido. Ele deve ser direto e objetivo, e refletir as conclusões alcançadas com base em todo o processo de interação. Isso quer dizer que após a identificação do elemento que gerou o desconforto, a pessoa pode fazer um pedido, e esse pedido deve refletir o que o outro pode fazer para que aquele sentimento/sensação não seja despertado novamente. Contudo, é importante ressaltar que esse pedido não é uma imposição.

Jane Nelsen

É a criadora da disciplina positiva, que tem como base as teorias de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs. Eles tinham como princípio a abordagem democrática, focando na gentileza e na firmeza. Nelsen é terapeuta de casais, famílias e crianças, além de ser especialista em psicologia adleriana.



Para saber mais...

NELSEN, Jane. Disciplina positiva: o guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas.

Um dos reflexos imediatos ao se adotar uma postura mais empática, fazendo uso da CNV, é a quebra do pré-julgamento, normalmente tão imediato nas relações humanas. Ao propor a escuta ativa como pilar, a CNV permite a interação, e refuta posturas defensivas, fechadas ao diálogo. Outro ponto extremamente significativo é que ao propor o diálogo, a CNV abre espaço para entender o outro e a si mesmo. Entende-se que as relações possuem camadas, e não são superficiais. O foco é, portanto, a relação humana.

A CNV não se resume a um compilado de técnicas. Ela propõe uma forma de comunicação que pretende impactar as relações humanas de maneira positiva, trabalhando a empatia como ferramenta de interação para gerar boas relações, evitando, assim, os conflitos.

Marshall Bertram Rosenberg 1934-2015

Foi o psicólogo americano responsável pela criação da comunicação não violenta. Com base em suas próprias experiências na infância, Rosenberg começou a estudar o comportamento violento em contextos sociais variados. Participou ativamente de movimentos por direitos civis nos E.U.A.



Para saber **mais...**

ROSENBERG, MARSHALL. Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.
ROSENBERG, MARSHALL. Vivendo a comunicação não violenta.

Referências

NELSEN, Jane. Disciplina positiva: o guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas. Barueri: Manole, 2015.

ROSENBERG, MARSHALL. Vivendo a comunicação não violenta. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.



As **dificuldades** encontradas
no **processo**
Transtorno do **Espectro Autista**

Depressão

Procrastinação

As dificuldades encontradas no processo

O processo de aprendizagem envolve uma série de elementos e, dentre eles, pode ocorrer a dificuldade de aprendizagem. De forma geral, as dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a fatores variados, como problemas de adaptação com a metodologia, o espaço físico onde as aulas são ministradas, ou mesmo problemas pessoais que o aluno está enfrentando. Como reflexo disso, o desempenho esperado do estudante acaba não sendo atingido.

Uma situação muito comum no mundo contemporâneo é o grande volume de informação que as pessoas estão expostas. Contudo, apesar da abundância de informação, esse conteúdo não está, necessariamente, sendo assimilado, e pode gerar, inclusive, efeitos negativos, como a perda de foco. Como, na atualidade, os tipos de transtorno de aprendizagem são diversos, cada situação deve ser estudada individualmente entre os pais e a escola. Existem, no entanto, algumas recomendações gerais que podem ajudar nesse processo:

Mantenha contato com a escola. Se algum problema for identificado, a escola poderá oferecer atividades de reforço, ou mesmo adequar os conteúdos, criando elementos mais atrativos para a criança. Essa colaboração é imprescindível.

Não compare a criança com os outros. Nunca é demais lembrar que cada um tem um ritmo de aprendizagem.

Participe do processo de aprendizagem. Crie momentos em que a criança possa dividir as experiências sobre o que está aprendendo. Mostre interesse, ajude sempre que necessário.

Atente à rotina de estudos da criança. É importante que a criança mantenha horários para estudar, bem como ter um local apropriado para estudos, livre de distrações e barulhos, permitindo que ela mantenha o foco nesse período.

Verifique se a instituição de ensino reflete as características da criança. Para que as coisas funcionem bem é preciso haver o equilíbrio das expectativas, a criança precisa se sentir bem em frequentar o espaço e manter as relações com as pessoas que o frequentam.

Antes de qualquer diagnóstico, no entanto, é necessário haver uma verificação profunda do que está acontecendo com a criança. É preciso investigar se a dificuldade está ligada a alguma questão externa, como problemas familiares e emocionais, ou questões orgânicas, ligadas a algum distúrbio e, portanto, tornando ainda mais crucial uma avaliação mais profunda.

Transtorno do Espectro Autista

Atualmente, o Autismo, o Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett foram incorporados sob uma única nomenclatura. Trata-se de um transtorno que atua em três esferas: (1) danos na comunicação social e linguagem, (2) dificuldades com a interação social e (3) presença de padrões repetitivos ou restritivos de atividades, conduta ou interesses.

A pessoa no espectro autista pode apresentar algumas características, como: variações psicomotoras, déficits de linguagem, problemas de socialização, hiperfoco, dificuldade com imprevistos e situações atípicas, entre outras. Dessas características, é comum haver déficit de linguagem e alterações psicomotoras durante a infância.

O Transtorno do Espectro Autista pode ser dividido em três níveis: leve, moderado e grave. Os sintomas, no entanto, sofrem variações e dependem das características apresentadas por cada indivíduo. Não existe um perfil definitivo para o TEA, da mesma forma que não há uma única forma de abordar e tratar

pessoas com o transtorno. Contudo, é importante compreender o indivíduo além do diagnóstico. O tratamento do TEA contempla uma ampla gama de profissionais, partindo de um primeiro diagnóstico realizado por um neurologista, sempre acompanhado de um psicólogo, e pode contemplar fonoaudiólogos, fisioterapeutas, entre outros.

O convívio com o Transtorno do Espectro Autista passa pelo reconhecimento da existência do outro sem imposições. É necessário estar aberto e treinar o olhar para identificar as necessidades do outro e, mais do que isso, compreender que não existe uma única forma de se expressar.

Para saber mais...

American Psychiatry Association. DSM-IV-TRTM - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.

OAKLANDER, Violet. Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.

Depressão

A depressão é uma doença que afeta quimicamente o cérebro. Ela acontece quando a produção de serotonina, conhecido como hormônio da alegria, cai. Alguns dos sintomas apresentados são: pensamentos suicidas, falta de concentração, isolamento, dores de cabeça constantes, queda no desempenho escolar, baixa autoestima, sentimento de culpa, perda de energia, fadiga e mudança de apetite.

No mundo atual, um aspecto importante a ser verificado, e que pode exercer influência na rotina da criança e do adolescente, é o controle do

uso de tecnologia. Em excesso, esse contato acaba gerando efeitos negativos na vida do indivíduo, e pode fazer com que ele desenvolva instabilidade emocional, perda de foco ou mesmo com que não tenha mais vontade, nem curiosidade, para desenvolver outras atividades.

Diante disso, torna-se crucial que os pais e responsáveis fiquem atentos ao comportamento da criança ou do adolescente, com o propósito de identificar quaisquer mudanças suspeitas, especialmente as físicas que perdurem por mais de duas semanas seguidas. Pensando nessa situação, algumas atitudes podem ser tomadas, seja para evitar que aconteça, ou mesmo para atenuá-la:

Esteja sempre presente. Converse com o adolescente, escute o que ele tem a dizer, demonstre interesse por sua rotina;

Incentive o autoconhecimento;

O adolescente precisa do seu auxílio nesse momento, portanto, evite sentimentos de culpa. Mantenha a calma, e lembre-se que essa é uma situação passageira;

Estimule a prática de exercícios físicos;

Preste atenção na quantidade e qualidade do sono do adolescente;

A alimentação saudável é essencial para o equilíbrio da saúde. Por isso, preste atenção ao tipo de alimento que o adolescente está consumindo;

Procure um psicólogo ou psiquiatra. O profissional poderá direcionar cada caso de acordo com as especificidades.

E, por fim, não se esqueça de cuidar da própria saúde. Afinal, a saúde é essencial para oferecer o amparo que o adolescente precisa.

Procrastinação

A procrastinação é um hábito negativo que nos leva a adiar a atividade ou ação que deve ser realizada. Assim como outros hábitos, a procrastinação costuma ter início na infância, e pode, portanto, ser abordada por pais e educadores desde cedo.

Os motivos que levam à procrastinação são muitos: o perfeccionismo, a auto vitimização, a tentativa de evitar desconforto ou mesmo a sensação de confiança. Entretanto, diante da necessidade de cumprir as obrigações do dia a dia, é possível estabelecer algumas iniciativas e, assim, criar um equilíbrio maior na execução de tarefas. Nesse sentido, algumas atitudes pertinentes são:

Segmentar as etapas da atividade para facilitar o processo. Aqui também pode ser interessante especular o tempo necessário para a realização de cada etapa. Na realização de um trabalho escolar, por exemplo, a família pode auxiliar com a divisão das etapas, bem como com o tempo necessário para executá-las.

Evitar pensamentos negativos. É importante incentivar a criança a enxergar os aspectos positivos de realizar a tarefa, e como ela pode contribuir com seu próprio conhecimento e experiência para completá-la.

Evitar distrações. É importante que a criança tenha um espaço apropriado para fazer suas tarefas e estudar. Nesse espaço, portanto, deve-se evitar manter jogos e quaisquer outros objetos que possam fazer com que a criança perca o foco.

Prever dificuldades e elaborar soluções. É certo que a criança irá se deparar com dificuldades em algum momento. Por isso, os pais devem alertá-la dessa possibilidade e incitá-la a prever soluções cabíveis para a execução da tarefa.

Estabelecer objetivos possíveis. Crie metas praticáveis em parceria com a criança. Assim, ninguém ficará frustrado diante das adversidades. É essencial, no entanto, que a criança tenha comprometimento com a realização das tarefas.

A quebra do hábito da procrastinação pressupõe paciência. Aos poucos, a criança demonstrará maior autonomia e empenho na realização de tarefas e, com isso, estará mais preparada para lidar com as dificuldades e responsabilidades do dia a dia.



Para saber **mais...**

ALLEN, Steve. Como vencer o medo, deixar de procrastinar e se tornar uma pessoa de ação.



Referências

American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

American Psychiatry Association. DSM-IV-TRTM - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. trad. Cláudia Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRANDÃO, C. L. (Org.). Gestalt-Terapia Infantojuvenil: práticas clínicas contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2018.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2017.

KRAMER, Michael. Five ways to help kids who procrastinate. Disponível em: <https://www.empoweringparents.com/article/5-ways-help-kids-procrastinate/>. Acesso em: 18.07.2019.

MORAES, Fernando Tadeu. Depressão em adolescentes cresce impulsionada por uso de redes sociais. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2018/11/depressao-em-adolescentes-cresce-impulsionada-por-uso-de-redes-sociais.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 07.05.2019.

OAKLANDER, Violet. Descobrindo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescente. São Paulo: Summus, 1980.

O'DONOGHUE, T. & Rabin, M. Incentives for Procrastinators. The Quarterly Journal of Economics, v. 114, n. 3, 1999.

PRICE, A. He's not lazy: empowering your son to believe in himself. Nova Iorque: Sterling Publishin Co., Inc., 2017.

SAMPAIO, Simaia. Dificuldades de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2009.



A importância da **alimentação** saudável

Transtornos **alimentares**

Conversando sobre **educação**
financeira em casa

Conversando sobre **sexualidade**
com o **adolescente**

Conversando sobre **identidade**
de **gênero**

Interação familiar com
a **tecnologia**

Questões **sociais** e o
respeito à diversidade

A importância da alimentação saudável

Para manter uma rotina saudável é necessário haver equilíbrio nos elementos que fazem parte do nosso dia-a-dia, e isso envolve desde aspectos físicos e psicológicos até questões de alimentação. A harmonia desses fundamentos pode trazer uma melhora no desempenho das atividades que realizamos ao longo do dia.

Pensando em aumentar a disposição das crianças e adolescentes em suas rotinas, algumas colocações podem ser feitas.

Fase de transição entre infância e adolescência (7-10 anos): período de muita atividade física e crescimento contínuo. Focar:

- No consumo de carboidratos complexos (pão integral, macarrão integral, batata-doce, milho, mandioca);
- No consumo de frutas, verduras e legumes variados (diariamente);
- Consumo de peixes;
- Consumo de cálcio, propiciando a formação óssea adequada.

Fase da adolescência (10 - 20 anos): período de transformações físicas, comportamentais e psicológicas.

- Necessidade de vitaminas hidrossolúveis, vitamina A, cálcio e ferro.

Ainda, para potencializar a memória e a concentração, alguns alimentos são recomendados:

- Carboidratos integrais;
- Alimentos ricos em ômega três (sardinha, chia, linhaça);
- Vitamina B (feijão, castanhas, amêndoas e nozes);
- Alimentos ricos em cafeína (café, guaraná, cacau);
- Ferro (feijão, sardinha, gema, frango);

Por fim, é essencial salientar que uma alimentação completa fornece os nutrientes necessários para manter a saúde em dia, inclusive fortalecendo o foco e a concentração da criança e do adolescente. Nesse contexto, é importante sempre manter na dieta:

- Peixes, carne bovina, frango, ovos, leite e derivados, como fontes de proteína;
- Pão integral, macarrão integral, cereais, tubérculos, agregando carboidratos complexos na dieta;
- Castanhas, amêndoas, nozes, sementes, adicionando gorduras na dieta.

Portanto, para começar bem o dia, é importante tomar um café da manhã reforçado, garantindo os minerais e vitaminas que reforçam o raciocínio e o foco, proporcionando uma rotina mais equilibrada.

Transtornos alimentares

Os transtornos alimentares são definidos como disfunções encontradas no comportamento alimentar. Essas disfunções podem gerar o emagrecimento extremo, obesidade, além de outros problemas relacionados à saúde do indivíduo. Com o intuito de elucidar alguns desses transtornos, bem como suas principais características, foram listados alguns deles:

Anorexia: apresenta uma taxa de mortalidade alta, derivada da rápida perda de peso. Os pacientes que sofrem de anorexia param de ingerir determinados alimentos, normalmente, considerados calóricos por eles. Outra característica comum é a distorção da própria imagem. Apesar de estarem perdendo peso, eles acreditam que estão gordos.

Bulimia: pacientes com esse transtorno tendem a ingerir uma quantidade elevada de alimentos e, posteriormente, eliminar esse excesso por meio do vômito, ou mesmo de remédios, como laxantes e diuréticos.

Compulsão alimentar: esse transtorno se refere ao indivíduo que ingere uma enorme quantidade de alimentos, normalmente motivado por questões emocionais, como ansiedade e estresse. Na compulsão alimentar não acontece a eliminação forçada dos alimentos.

TARE (Transtorno Alimentar Restritivo Evitativo): denomina as crianças que não comem determinados alimentos por motivos específicos, como odor, textura, gosto, etc. Esse transtorno pode fazer com que a criança sofra com o déficit de algum nutriente, o que pode gerar problemas de saúde.

Pica: designa pessoas que ingerem produtos que não são, necessariamente, alimentos. Os itens ingeridos vão desde terra e moedas até ingredientes que não passaram ainda pela etapa de preparo, como farinhas.

Drunkorexia: consiste na substituição do alimento por bebidas como estratégia de inibição do apetite. Essa prática gera uma série de problemas: o desenvolvimento de outros transtornos (bulimia, anorexia), o uso de medicamentos e, até mesmo, a dependência química.

De modo geral, os transtornos alimentares são causados por fatores biológicos, psicológicos e familiares. O tratamento dos transtornos conta com profissionais de áreas variadas: nutricionistas, psicólogos e endocrinologistas. Por isso, é importante que a família procure profissionais para auxiliar com todo o processo.

Conversando sobre educação financeira em casa

Quando o assunto é a inserção da educação financeira no cotidiano das crianças, surgem algumas dúvidas. Mas, para que essa experiência corra da melhor forma possível, algumas técnicas podem ser utilizadas.

As conversas sobre finanças e dinheiro devem ser introduzidas desde cedo. Desse modo, a criança conseguirá compreender a dinâmica financeira da casa e, por isso entenderá, por exemplo, quando a família não puder comprar algo, ou quando precisar comprar algo em outro momento.

Uma boa estratégia para fazer com que a criança desenvolva noções de quantidade e valores é permitir que ela guarde suas economias em um cofrinho. Essa iniciativa fará com que ela perceba algumas questões, como: quanto mais tempo deixar o dinheiro no cofrinho sem mexer, mais dinheiro ela terá com o tempo; quando o dinheiro é usado, a quantidade restante no cofrinho diminui; relacionar as coisas que podem ser compradas, ou não, com o valor disponível; se vale a pena gastar o dinheiro que está no cofrinho, a quantidade que ela precisará juntar para comprar determinado objeto, etc.

Essa estratégia de permitir que a criança administre o próprio dinheiro pode ser feita tanto com o dinheiro real, como com uma moeda

inventada pela família. O foco aqui é que a criança tenha a autonomia para controlar o cofrinho. A origem do dinheiro que irá para o cofrinho, por outro lado, deve ser pensada de forma a contribuir com a premissa de responsabilidade sobre os gastos da criança. Para isso, é indicado que a criança ganhe o dinheiro com atividades que instiguem a responsabilidade com os gastos, como, por exemplo, se ela optar por levar o lanche de casa ao invés de consumir na escola, esse dinheiro pode ser revertido para o cofrinho. É necessário ressaltar, no entanto, que a prática de dar dinheiro para que a criança realize atividades que são responsabilidades diárias, como arrumar a cama, estudar e tirar boas notas não são encorajadas. Essa dinâmica pode acabar incentivando a criança a só cumprir suas responsabilidades se houver algum tipo de recompensa.

As ações dos pais devem refletir o que é ensinado acerca dos gastos. Por isso, não devem comprar desenfreadamente tudo o que a criança pedir. Além disso, os presentes devem ser dados em datas comemorativas, evitando a compra impulsiva em outros momentos aleatórios.

A mesada pode ser introduzida na vida da criança por volta dos oito anos. A ideia é que ela já tenha alguma noção de como administrar seu dinheiro por causa da experiência anterior com o cofrinho. A família deve estipular

uma data para o recebimento da mesada, e essa data não deve sofrer alterações. Se a criança acabar gastando o dinheiro antes do recebimento da próxima, e optar por um adiantamento, a família poderá fazê-lo. Porém, o valor do adiantamento precisa ser descontado do valor seguinte. Assim, a criança poderá perceber que existem algumas práticas a respeito do mundo financeiro que exigem maior responsabilidade.

O valor da mesada deve ser definido segundo os gastos que a criança tem por semana, com a compra de lanches, brinquedos, etc. A princípio, esse valor pode ser passado para a criança por semana. Conforme ela for ganhando mais controle e autonomia com os gastos, a mesada poderá ser recebida por quinzena ou por mês.

Introduzir noções de economia ainda na infância tem como objetivo fazer com que a criança desenvolva maior autonomia e consciência acerca do dinheiro e de gastos. A ideia é que, com essa base, ela consiga lidar com o dinheiro de forma mais saudável e responsável na adolescência e na fase adulta.

Conversando sobre sexualidade com o adolescente

A adolescência é uma fase de muitas transformações para os adolescentes. Trata-se de um período em que as descobertas sexuais são mais evidentes. Isso acontece porque as transformações corporais e as primeiras experiências sexuais, normalmente, têm início nessa fase. É normal que, durante esse período, o adolescente se sinta ansioso e, até mesmo, inseguro. Isso pode ser ocasionado pelas incertezas sobre o que o futuro guarda, além das transformações biológicas, novas responsabilidades, etc. Em contrapartida, muitos pais e responsáveis não sabem como lidar com essas mudanças, inclusive com a própria maturidade. Por isso, o entendimento de como funciona o corpo humano, bem como as emoções e sentimentos, torna-se tão necessário.

Muitas famílias não tiveram abertura para conversar sobre sexualidade quando eram adolescentes, outras até tiveram alguma abordagem na escola, mas, muitas vezes, o assunto era direcionado a reprodução. Isso pode ter feito com que o assunto se tornasse uma espécie de tabu, mas esse posicionamento pode ser quebrado com a informação e com o diálogo aberto. O acesso à informação quebra muitos mitos, como, por exemplo, o de que quanto mais cedo o tema for abordado, mais cedo a atividade sexual se iniciará.

A sexualidade abrange uma gama de questões na vida do ser humano: papéis sexuais, erotismo, prazer, orientação sexual, relações afetivas e de reprodução. Percebe-se, com isso, que a sexualidade não envolve, exclusivamente, o sexo. Na atualidade, são muitos os temas a se pensar acerca da saúde sexual, englobando concepção, contracepção, práticas (corporais, afetivas e sexuais), maternidade/ paternidade não desejada, aborto em condições inseguras, doenças sexualmente transmissíveis, etc.

Nesse sentido, torna-se fundamental que a família mantenha o diálogo aberto, e aborde

questões relacionadas ao corpo, a higiene, as diferenças, a gestação, etc. A introdução desse assunto pode ser feita ainda na infância, até porque, é importante lembrar, que o desenvolvimento biológico acontecerá, ainda que a criança não saiba o que está ocorrendo. Portanto, é preciso estar atento às necessidades e dificuldades do adolescente, de modo que um tratamento aberto e respeitoso entre a família e o adolescente só tornará esse processo mais seguro para ambos os lados.

Conversando sobre identidade de gênero

A identidade de gênero é a forma como uma pessoa se reconhece e como ela deseja que os demais a reconheçam. Esse reconhecimento se dá independentemente do sexo atribuído a pessoa no momento do nascimento. Destaca-se, no entanto, que a identidade de gênero não deve ser confundida com a orientação sexual – que expressa a atração do indivíduo: homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade, etc.

São muitos os problemas enfrentados por uma pessoa transgênero na sociedade, a começar pela dificuldade de ter o nome social reconhecido e registrado em documentos oficiais. Outro obstáculo se refere a patologização que enfrentam. Esse fator amplia, ainda mais, as violações de direitos que sofrem no contexto social.

Por isso, é essencial que o tema seja tratado nas escolas. Afinal, também é papel da escola fomentar o conhecimento, sempre aliado ao respeito para com as identidades individuais. O respeito às diversidades tem o propósito de evitar qualquer tipo de preconceito e constrangimento, promovendo, assim, os direitos humanos. A família também é

parte fundamental desse processo. Ela deve acolher e oferecer suporte, bem como exigir que as escolas, e demais instituições, cumpram com suas funções sociais acerca das diversidades, promovendo sempre o respeito.

Interação familiar com a tecnologia

A tecnologia representa, na atualidade, uma facilidade. Cada vez mais popular ao longo dos anos, seja pela variedade de funções que proporciona, ou mesmo pela utilização de uma linguagem atrativa, a tecnologia tem ganhado espaço, até mesmo, na realização de tarefas básicas do dia-a-dia.

O uso constante das tecnologias é uma prerrogativa de muitas famílias no mundo contemporâneo. É muito comum, por exemplo, que os adultos usem seus smartphones o tempo todo, ainda que estejam em uma reunião familiar. E o mesmo pode ser dito para as crianças, que passam boa parte do tempo jogando, seja por meio de smartphones, tablets ou consoles. O mau uso da tecnologia pode gerar, portanto, problemas na comunicação familiar. O excesso de uso pode causar o isolamento, estresse, etc.

Com o objetivo de fazer com que o uso não se torne nocivo para nenhuma das partes, as famílias podem criar regras, estipulando o tempo de uso, por exemplo. É preciso lembrar que a criança enxerga o adulto como modelo. Por isso, as regras criadas devem ser seguidas por todos os membros da família. O tempo de uso recomendável para crianças em frente às telas é de, no máximo, duas horas por dia. Sendo que esse contato não deve, de forma nenhuma, atrapalhar a execução das outras atividades da rotina. Além disso, é fundamental que a família

mantenha o diálogo constante com as crianças e adolescentes, perguntando sobre rotina, estudos, emoções, etc.

Portanto, para que o contato com a tecnologia seja benéfico tanto para as crianças e adolescentes, quanto para seus pais e responsáveis, é imprescindível que exista o equilíbrio. No mundo contemporâneo, a tecnologia representa uma parte muito significativa, mas a convivência pessoal não deve ser sacrificada no processo.

Questões sociais e o respeito à diversidade

A temática da diversidade tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. Esse cenário é reflexo do debate sobre as questões sociais que começou a partir da segunda metade do século XX, em consequência de um contexto histórico marcado por conflitos: Guerra Fria, Guerra do Vietnã, campanhas de independência dos Estados Africanos e Asiáticos, etc. É nessa conjuntura que diversas pautas adquirem corpo, levantando debates cruciais para se pensar a sociedade. Entram nesse escopo as pautas do feminismo, liberdade sexual, direitos de lgbtqi+, questões étnico-raciais, ambientalismo, direitos humanos, etc.

Diversidade étnico-racial

Em um país de proporções continentais, como é o caso do Brasil, são muitas as diversidades presentes, a começar pela formação da população brasileira. A mistura de povos e culturas é uma característica do país, que já apresentava nos próprios povos nativos uma pluralidade grande. A colonização europeia trouxe ainda mais diversidade, assim como a chegada dos povos africanos. A escravidão no Brasil foi abolida somente em 1888, ou seja, quase quatrocentos anos após sua descoberta.

No continente americano, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. As consequências desse processo histórico estão presentes na estrutura social brasileira até os dias de hoje. É em meio a esse contexto que é possível falar de 'racismo estrutural', que consiste em naturalizar hábitos, situações, pensamentos, falas e ações que estimulam a segregação e o preconceito racial, direta ou indiretamente. Os efeitos do racismo na estrutura social brasileira são muitos: os altos índices de homicídio, onde os negros têm 2,7 mais chances de ser vítima de assassinato que os brancos; a falta de oportunidades, tanto do ponto de vista da educação, em que a probabilidade de alcançar o ensino superior é de 56% (na contrapartida dos brancos, com 80% de chances), quanto do trabalho, onde ocupam somente 29% dos cargos de gerência em empresas; entre os dados de vulnerabilidade social, em que dentre os brasileiros com menor renda, os negros representam 75%; e mesmo a desvalorização da cultura africana; enfim, todas as circunstâncias que colocam a população negra em posição de inferioridade e contribuem para o aumento das desigualdades. Dessa forma, é papel da família, enquanto entidade formadora de cidadãos, perceber-se agente da transformação, e educar a criança de modo a compreender que as diferenças humanas contribuem para a formação de um corpo ainda mais rico e livre de preconceitos.



Para saber **mais...**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única.
DAVIS, ANGELA. Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras.
HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação.
RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista.

Diversidade religiosa

O processo plural de formação da população brasileira também se expande para o plano da religião. De acordo com o IBGE, é possível encontrar, no Brasil, praticantes católicos, espíritas, evangélicos, candomblecistas, umbandistas, judeus, islâmicos, hinduístas, budistas, além das tradições indígenas. A liberdade de consciência e crença é garantida no artigo 5º da Constituição Federal Brasileira.

Ainda que a diversidade seja uma característica do país, a convivência entre as religiões é uma pauta à parte. Apesar de a liberdade religiosa seja garantida por lei, algumas religiões são, ainda, estigmatizadas, como é o caso das religiões com matrizes africanas. Como aponta o Ministério dos Direitos Humanos em pesquisa realizada entre os anos de 2015 e 2017, a cada 15 horas, uma denúncia de intolerância religiosa é feita no Brasil. Ainda segundo a pesquisa, cerca de 25% dos denunciantes são adeptos de religiões de matriz africana.

O Brasil, enquanto Estado laico e democrático, é responsável por garantir a convivência pacífica das mais diversas religiões em seu território, como é

assegurado pela Constituição. Cabe ainda mencionar que o país não pode manifestar preferência por, tampouco privilegiar, nenhuma religião específica. A essência da maioria das religiões é o amor ao próximo, o senso do coletivo, e é por esse ângulo que a família deve conceber as crenças, compreendendo que é dever dos cidadãos respeitar toda e qualquer religião, bem como a seus praticantes e não praticantes.



Para saber **mais...**

CRUZ, Eduardo Rodrigues. A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza.
GAARDER, Joinstein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. O livro das religiões.
HUME, David. História natural da religião.
HUXLEY, Tomas Henry. Escritos sobre ciência e religião.
MINOIS, Georges. História do ateísmo.
OBADIA, Lionel. Antropologia das religiões.

Diversidade cultural e xenofobia

As migrações populacionais proporcionam a união de diversas culturas. Contudo, essa confluência cultural pode, por vezes, revelar uma problemática muito grande, a xenofobia. A xenofobia é o medo e/ou ódio por estrangeiros, ou seja, ela pode ser entendida como a hostilidade originada por diferenças de cunho geográfico, linguístico ou étnico entre pessoas. A xenofobia é, muitas vezes, motivada por

uma postura etnocêntrica adotada por muitos povos, mas essa não é a única causa. O comportamento xenófobo pode ser, ainda, motivado pelo receio da perda de status social, por uma suposta ameaça econômica representada pelo outro, ou mesmo pela falta de informação de costumes alheios em relação aos próprios.

A xenofobia é uma questão recorrente em muitos países na atualidade, especialmente em virtude das diversas migrações, muitas vezes forçadas por situações de conflitos e guerras, de povos em busca de melhores condições de vida. Muitas vezes, a xenofobia surge travestida de uma suposta identidade nacional. No entanto, esse tipo de postura deve ser combatido, uma vez que as práticas xenofóbicas só geram ainda mais violência entre as pessoas, o que pode ser comprovado por uma série de eventos históricos, como é o caso do genocídio armênio, do Holocausto, do genocídio de Ruanda, entre outros.



Para saber **mais...**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Americanah. EMECHETA, Buchi. Cidadã de segunda classe. FREITAS, Fátima e Silva de. A diversidade cultural como prática na educação.

Igualdade de gêneros: feminismo

Séculos de opressão não podem ser revertidos do dia para a noite, mas o feminismo, apesar dos obstáculos, está cada vez mais presente e forte nas pautas políticas, sociais e econômicas da atualidade. Os obstáculos atravessados pelas feministas são numerosos e resistentes, uma vez que a objetificação da mulher encontra-se enraizada nas sociedades patriarcais, com os acréscimos das opressões de classe, etnia, cor da pele e orientação sexual.

O questionamento do papel da mulher na sociedade moderna começou a florescer durante a Revolução Francesa, quando Olympe de Gouges, em resposta à Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, redigiu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, reivindicando o direito político e o direito à propriedade da mulher. Desde então, militantes feministas lutaram pela visibilidade da causa, conquistando a primeira vitória com o direito de voto feminino, em fins do século XIX, início do século XX.

As mulheres só começaram a votar no Brasil a partir de 1932, mas uma vez granjeando o sufrágio, defrontaram-se com novos desafios. Nos anos 60, em meio à ebulição cultural mundial e a repressão política nacional, as mulheres repensaram seus corpos e a própria sexualidade (com a popularização da pílula anticoncepcional), mas o feminismo brasileiro só foi impulsionado na segunda metade dos anos setenta, quando a ONU declarou o ano de 1975 como o ano da mulher e com o retorno do exílio forçado das ativistas brasileiras, perseguidas pela ditadura civil-militar.

Hoje, mesmo depois de tantas vitórias, as mulheres ainda são recriminadas socialmente. Esta realidade é comprovada pelos números: 12 mulheres são assassinadas e 135 são estupradas por dia no Brasil; 42% das brasileiras com 16 anos ou mais já foram sexualmente assediadas; as mulheres ganham 53% a menos, exercendo a

mesma função que um homem e; para compreender ainda mais a gravidade do problema, calcula-se que, no ritmo atual, as mulheres só conquistarão a igualdade plena no ano de 2133! Portanto, é dever de todos contribuir para a equidade entre os gêneros. As políticas públicas são vitais no empoderamento da mulher, mas a sociedade precisa trabalhar junto com elas, criando seres humanos empáticos com os direitos da minoria desde tenra idade. Mães, pais, familiares e amigos necessitam urgentemente educar crianças feministas, para defender as vidas das nossas meninas e mulheres no presente e no futuro.



Para saber **mais...**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. Feminismo e política.

BENHABIB, Seyla; BUTLER, Judith; CORNELL, Drucilla; FRASER, Nancy. Debates feministas: um intercâmbio filosófico.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.

Diversidade de corpos

O empoderamento feminino trouxe à luz uma série de discussões diretamente relacionadas à sociedade. Pensar e desconstruir a estrutura social permite compreender uma série de comportamentos e, especialmente, constatar a presença de um modelo que era visto, por muitos, como ideal. No entanto, a sociedade é diversa, e para que

possa haver uma compreensão ampla dessa pluralidade, todos os grupos devem estar incluídos. É nesse sentido que se apresenta o tema da diversidade de corpos.

O ideal de beleza foi mudando na história. Se durante o Renascimento o belo era o corpo gordo, ligado à opulência, hoje, o belo é o corpo magro e, muitas vezes, tonificado pela constante prática de exercícios físicos e afins. A prática física está, na atualidade, associada à ideia de status, ela funciona como um divisor entre os que têm o poder aquisitivo para manter a silhueta esbelta, em oposição àqueles que, por uma série de motivos, não o fazem. Cria-se, então, a ideia de que cada um tem o corpo que merece e, portanto, o peso seria sinônimo de preguiça. O problema está, mais uma vez, no ato de ignorar o que, de fato, é visto na sociedade, e tornar padrão e ideal um tipo de corpo que não é a realidade da maioria das pessoas. Esse ideário de beleza enaltece um modelo e coloca todo o resto como imperfeito e, além disso, cria situações e comportamentos em que a pessoa com o corpo fora dos 'padrões' é julgada e discriminada pelos demais. Isso é o que se chama de gordofobia.

A representatividade plural dos corpos tem ganhado mais espaço na atualidade em vista do empoderamento feminino que, dentre as suas muitas pautas, questiona a ideia de corpo padrão que está diretamente ligada à objetificação do corpo das mulheres ao longo da história. É preciso entender que a diversidade de corpos só tem a enriquecer o debate social, uma vez que a representatividade exerce papel fundamental na composição de uma sociedade que não é homogênea.



Para saber **mais...**

RAIM, Laura. “Suco detox e cardio training, o novo espírito da burguesia”. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/suco-detox-e-cardio-training-o-novo-espirito-da-burguesia/>. Acesso em: 14.05.2020.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil.

Os debates sobre a diversidade enfatizam que a sociedade não é homogênea, e que as diferenças existem em aspectos: sociais, políticos, econômicos, étnicos, religiosos, etc. É importante que a família se mantenha aberta às informações e, em parceria com as demais instituições, seja capaz de reconhecer e respeitar a diversidade humana. Algumas recomendações que podem ajudar nessa dinâmica são:

Trazer o tema da diversidade para a rotina da família, sem atrelar, no entanto, uma carga de assunto inusitado. É importante que o tema seja discutido de forma espontânea, nas práticas do dia-a-dia, e não somente em datas específicas.

Outra atitude significativa é fazer uso de materiais, brinquedos e afins que contemplem a diversidade.

E, por fim, é essencial que a criança/adolescente consiga enxergar na família o exemplo prático de tudo que é discutido de forma teórica. Afinal, eles aprendem com os exemplos.

Referências

ALMEIDA, Regis Rodrigues. "Migração e xenofobia". Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/migracao-xenofobia.htm>. Acesso em: 11.05.2020.

BASÍLIO, ANA LUIZA. "Djamila Ribeiro: 'Somos um país que nunca aboliu materialmente a escravidão'". Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/djamila-ribeiro-somos-um-pais-que-nunca-aboliu-materialmente-a-escravidao/>. Acesso em: 08.05.2020.

BIERNATH, André. Os 12 principais tipos de transtorno alimentar, de anorexia a compulsão. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/alimentacao/principais-tipos-transtorno-alimentar/>. Acesso em: 22.04.2020.

DIVERSIDADE. "A diversidade de corpos é a fronteira final da empatia". Disponível em: <https://www.bayerjovens.com.br/pt/colunas/coluna/?materia=a-diversidade-de-corpos-e-a-fronteira-final-da-empatia>. Acesso em: 11.05.2020.

ENRICONI, Louise. "Como funciona a liberdade religiosa no Brasil?". Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/como-funciona-a-liberdade-religiosa-no-brasil/>. Acesso em: 11.05.2020.

ENRICONI, Louise. "O que é xenofobia". Disponível em: <https://www.politize.com.br/xenofobia-o-que-e/>. Acesso em: 11.05.2020.

FERREIRA, Maria Teresa. "O que é racismo estrutural". Disponível em: https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/488-o-que-racismo-estrutural?utm_source=google&utm_medium=ads&utm_campaign=search&gclid=EAIaIQobChMIy5L5rOKk6QIVxoKRCh3nOggkEAAAYASAEGJPO_D_BwE. Acesso em: 08.05.2020.

FREITAS, Eduardo de. "Origens do Povo Brasileiro"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/as-origens-povo-brasileiro.htm>. Acesso em: 08.05.2020.

KAPLAN, Sheila et al. Conversando sobre saúde com adolescentes. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2007.

LEITE, Rosalina Santa Cruz & TELES, Amelinha. Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Intermeios, 2013.

MARTINS, Ana Rita. "Diversidade sempre, desde a educação infantil". Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1265/diversidade-sempre-desde-a-educacao-infantil>. Acesso em: 08.05.2020.

MELO, Hildete Pereira de Melo & TOMÉ, Débora. Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MONTEIRO, Gabriela. "O que é feminismo?". Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-feminismo/>. Acesso em: 08.05.2020.

ONU. Você sabe o que é identidade de gênero? Disponível em: <https://nacoesunidas.org/voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero/>. Acesso em: 22.04.2020.

PORFIRIO, Francisco. "Intolerância religiosa. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/intolerancia-religiosa.htm>. Acesso em: 11.05.2020.

RAIM, Laura. "Suco detox e cardio training, o novo espírito da burguesia". Disponível em: <https://diplomatique.org.br/suco-detox-e-cardio-training-o-novo-espirito-da-burguesia/>. Acesso em: 14.05.2020.

RODNEI, Pai. "Novo livro de Djamila Ribeiro é uma aula para rever e mudar comportamentos". Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/novo-livro-de-djamila-ribeiro-e-uma-aula-para-rever-e-mudar-comportamentos/>. Acesso em: 08.05.2020.

SALEH, Naíma. A tecnologia está afetando as relações familiares dentro da sua casa? Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2014/12/tecnologia-esta-afetando-relacoes-familiares-dentro-da-sua-casa.html>. Acesso em: 22.04.2020.

SILVA, Daniel Neves. "Xenofobia". Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>. Acesso em: 11.05.2020.

THOMANZINI, Magnus Guerreiro; GOULART, Elias Estevão. Relações familiares: a influência do virtual. Revista Interações, v. 14, n.48, junho, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/14182>. Acesso em: 22.04.2020.

VECCHI, Julia. "Sobre representatividade e corpos fora do padrão". Disponível em: <https://stealthelook.com.br/sobre-representatividade-e-corpos-fora-do-padrao/>. Acesso em: 11.05.2020.

01

Desenvolvimento Infantil e Aprendizagem

- ☐ Compreender questões do processo de aprendizagem da criança/adolescente;
- ☐ Entender princípios de algumas teorias de desenvolvimento;
- ☐ Compreender as etapas de desenvolvimento da criança/adolescente;
- ☐ Saber os conceitos básicos de algumas das metodologias pedagógicas mais utilizadas;
- ☐ Assimilar as etapas do processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos;
- ☐ Compreender técnicas para implementar rotinas na infância;
- ☐ Entender como lidar melhor com os adolescentes.

02

Disciplina positiva e comunicação não violenta

- ☐ Entender os princípios da disciplina positiva;
- ☐ Compreender os conceitos básicos da comunicação não violenta.

03

Dificuldades de aprendizagem

- Entender quais as maiores dificuldades encontradas no processo de aprendizagem;
- Compreender fundamentos do Transtorno do Espectro Autista;
- Compreender alguns dos aspectos relacionados à depressão na adolescência;
- Entender como trabalhar a procrastinação.

04

Criando filhos no século XXI

- Compreender a importância da alimentação saudável e algumas sugestões de como implementá-la;
- Assimilar alguns elementos das fases de transição das crianças e adolescentes em relação a alimentação;
- Compreender alguns dos principais transtornos alimentares;
- Entender como trabalhar a educação financeira em casa com crianças e adolescentes;
- Conversar sobre sexualidade com crianças e adolescentes;
- Conversar sobre identidade de gênero com crianças e adolescentes;
- Entender como fazer um uso racional da tecnologia com a família;
- Compreender a importância do respeito à diversidade e como trabalhar essas questões com a família.

A visão da arte

Desenvolvimento Infantil e Aprendizagem



'Nenhum a menos'
Zhang Yimou

China
1999



'Matilda'
Danny DeVito

E.U.A.
1996



'Escritores da liberdade'
Richard LaGravenese

E.U.A.
2007



'As memórias de Marnie'
Hiromasa Yonebayashi

Japão
2014



'O serviço de entrega da Kiki'
Hayao Miyazaki

Japão
1989



'Em um mundo melhor'
Susanne Bier

**D i n a
marca**
2011



'A caça'
Thomas Vinterberg

**D i n a
marca**
2013



'Poesia'
Chang-dong Lee

**Coreia
do Sul**
2010



'A onda'
Ron Jones, Todd Strasser

**Ale
manha**
2009



'Divertidamente'
Pete Docter

E.U.A.
2015



'As vantagens de ser invisível'
Stephen Chbosky

E.U.A.
2012



'Hoje eu quero voltar sozinho'
Daniel Ribeiro

Brasil
2014



**'Einstein teve tempo para
brincar' - Diane Eyer**

2006



**'Histórias de ninar para garotas
rebeldes' - Elena Favilli**

2017

Disciplina positiva e comunicação não violenta



'Relatos selvagens'
Damián Szifron

**Argen
tina**
2014



'História de um casamento'
Noah Baumbach

E.U.A.
2019



'Coraline'
Henry Selick

E.U.A.
2009



'Valente'
Brenda Chapman e Mark
Andrews

E.U.A.
2012



**'Jack e a mecânica do
coração' - Mathias Malzieu**

França
2013



'Cada um na sua casa'
Tim Johnson

E.U.A.
2015



**'Viva! A vida é uma
festa' - Lee Unkrich**

E.U.A.
2018

Dificuldades de aprendizagem



'Garota, interrompida'
James Mangold

E.U.A.
1999



'Rain Man'
Barry Levinson

E.U.A.
1989



'Temple Grandin'
Mick Jackson

E.U.A.
2010



'Mary e Max: uma amizade diferente'
Adam Elliot

E.U.A.
2009



'Melancolia'
Lars Von Trier

E.U.A.
2011



'Bojack Horseman'
Raphael Bob-Waksberg

E.U.A.
2014



'Como estrelas na terra: toda criança é especial'
Aamir Khan

Irlanda
2007



'Atypical'
Seth Gordon

E.U.A.
2017



'Angústia'
Anton Tchekhov

1886



'O demônio do meio dia'
Andrew Soloman

2001

Criando filhos no século XXI



'O sorriso de Monalisa'
Mike Newell

E.U.A.
2003



'Sociedade dos poetas mortos'
Peter Weir

E.U.A.
1990



'Álbum de família'
John Wells

E.U.A.
2013



'Uma nova amiga'
François Ozon

França
2015



'XXY'
Lucía Puezio

Argentina
2006



'Tomboy'
Céline Sciamma

França
2011



'De gravata e unha vermelha' - Miriam Chnaiderman

Brasil
2015



'Meninos não choram'
Kimberly Peirce

E.U.A.
1999



'O julgamento de Viviane Amsalem' - Ronit Elkabetz e Shlomi Elkabetz

Israel
2014



'Milk: a voz da igualdade'
Gus Van Sant

E.U.A.
2008



'Thin'
Lauren Greenfield

E.U.A.
2006



'O coração de Jenin'
Marcus Vetter e Leon Geller

Alemanha
2008



'A religiosa'
Guillaume Nicloux

França
2013



'Em pedaços'
Fatih Akin

Alemanha
2017



'Entre os muros da escola'
Laurent Cantet

França
2008



'Selma: uma luta por igualdade' - Ava DuVernay

E.U.A.
2015



'Chega de fiiu'
Fernanda Frazão e
Amanda Kamanchek

Brasil
2018



'Sex Education'
Laurie Nunn

E.U.A.
2019



'A cor púrpura'
Alice Walker

1982



'Mulheres, raça e classe'
Angela Davis

2016



'Para educar crianças feministas' - Chimamanda Ngozi Adichie

2017



'Olhares negros: raça e representação' - Bell Hooks

2019



'Pensamento feminista negro' - Patricia Hill Collins

2019



'Em honra de Fadime'
Unni Wikan

2011



'Prepare as crianças para o mundo' - Ivan Capelatto

2009



'Revolução na cozinha'
Jamie Oliver

2009



'Persépolis'
Marjane Satrapi

2007



'Tempero Drag'
Canal do Youtube

Brasil



'Tá Querida' - Luiza Junqueira
Canal do Youtube

Brasil



'Alexandrismos' - Alexandra Gurgel - Canal do Youtube

Brasil



'Canal da Bela'
Canal do Youtube

Brasil

Bruna Sombra
Gabriel Ribeiro

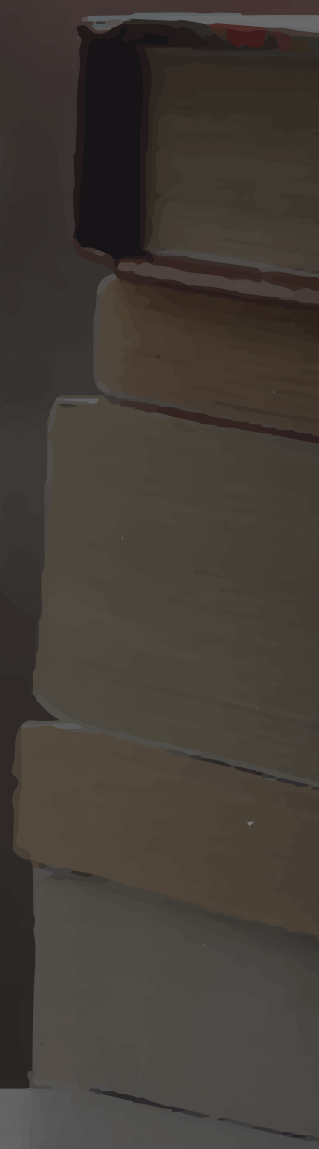
textos

Gabriel Ribeiro
Marina Brito

revisão

Bruna Sombra

projeto gráfico





TROIKA

www.troikabr.com
[instagram.com/troika.br](https://www.instagram.com/troika.br)
info@troikabr.com

+55 11 3294 8295 | Rua Delfina, 112
Vila Madalena | São Paulo | 05443-010